



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Porto,
PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

Vinho novo em odres novos

APÓS a noticia em *O Gaiato* da fidelidade dos garotos às 27 nozes, temos recebido lotes no Depósito dos Clérigos, e por encomenda postal e por camionete e por mão própria; tantos e tais que fui eu mesmo por aí abaixo até Miranda, levar nozes aos «Gaiatos» e agradecer a cada um a lição que eles deram ao mundo. Assim a gente a saiba tomar melhor do que até hoje tem feito. Foi uma hora magestosa. Depois de explicar o que eles devem aos nossos amigos e de distribuir, houve de sair à quinta, espreitar os ninhos de cada um—olhe, *aquele já tem 4 passarinhos*. Tive igualmente de subir aos dormitórios, ouvir a cantoria dos grilos; tudo isto por entre o clamor desencontrado das mais recentes noticias, durante a minha ausência. Gostaria de ficar mais tempo, mas não tenho tempo de o perder; fui-me embora horas depois.

Somos ali hoje 37; não deveríamos ser mais de trinta, pela exiguidade da Casa. Porém, as cartas de toda a hora, são dolorosa violência. Elas chegam de Pessoas de Bem, que tomam as dores, sentem o mal e procuram acudir à sorte dos pequeninos filhos de ninguém. Já me lembrei pôr *O Gaiato* semanal e publicar nele estas cartas de mãos erguidas, verdadeiramente divinas, porque cheias de humanidade; e talvez o faça.

Saiu de alguém, que afinal de contas a *Obra da Rua* não resolve o problema das ruas, porquanto acode unicamente a meia duzia de garotos e deixa milhares na rua. Outrossim, que eu gasto a vida a botar gatos na massa do povo baixo, que por tanto ter descido, ninguém pode levantar. São argumentos preguiçosos e, até, muito perigosos. Por detrás desta *verdade* meramente comodista, está a verdade plena e luminosa da parábola do pastor, que deixa ficar o rebanho e vai em cata da rebelde até dar com ela; justamente a pior, a mais caída das velhas! Quanto mais não vale um rapaz rebelde! O Evangelho não sofre meias tintas nem é de caricaturas. Quem não é por ele, é contra ele.

Sim; as Casas do Gaiato não podem resolver o problema total, (e quem pode?) mas são um começo auspicioso. Nós pisamos terreno firme e temos uma doutrina. O princípio de toda a orientação da Obra, é que de entre os rapazes de hoje, saiam os dirigentes de amanhã. Olhamos desde agora para os que nos parecem melhores, com olhos de muito carinho e de muita esperança. Não lhes damos grandes explicações do nosso pensamento das coisas futuras. Não, que o não comportariam; são rapazes de 15 anos. Mas, em certas horas e onde muito bem calha, vai uma pince-lada prometedora: *Olha, rapaz; tudo isto é para vós*. Assim como fazem os pais, aos filhos de quem

tudo esperam, assim nós, aos de quem algo esperamos—*tudo para vós, rapazes*. Não é seguramente o *tudo isto te darei* da tentação de Jesus; não é. Eu não posso mentir a estes meus filhos, nem quero que eles me adorem, como queria Satan. Basta-me que eles consentam e aceitem o meu amor por eles. Oh infeliz que desdenhas da Obra; Beethoven não esdeveu para ti!

Obra deles, para eles; sendo, como verdadeiramente é, um organismo—*Familia*, segue-se que os de casa não-de ser os continuadores e os herdeiros forçados da Obra. Tudo, nas nossas Casas, é dirigido para esse fim.

Como esta doutrina é nova, temos necessariamente de a lançar em novos moldes. O rapaz que já trabalha em lugares de rendimento, ganha. Não se lhe diz quanto nem como, mas ele sabe que tem o seu pequenino salário. Como ganha, veste-se à sua custa. Compra ele mesmo a seu gosto. Compra nas lojas. Vai à cidade. Fica sabendo assim como é e quanto custa a vida. Aprende a esmerar, a poupar o que é seu. *Faz-se homem*. Este sistema de assistência exige fundos, que de maneira nenhuma podem ser os do clássico rendimento de inscrições ou orçamentos do Estado. Isso são coisas velhas, do tempo dos Faraós. Aqui há tempos, entrava eu na secretaria de uma casa de Assistência, na hora em que um Funcionário contava rimas de notas, visivelmente aborrecido. Eu, que as conto sempre a delirar de contente, não compreendi o desânimo do tesoureiro.

Isto é uma grande desgraça para a casa; vieram-nos entregar capital e ficamos agora sem juros.

Desci às galerias. Era recreio. Grupos de crianças, em botões amarelos e fatos de cotim, arrastavam as horas, sem vida. Nem brinquedos, nem gargalhadas, nem narizes partidos. Não havia uma quinta. Não havia uma oficina. A escola não era risonha e franca.

Trouxeram-nos o capital.

Eis a função do capital dentro das casas de assistência que se encostam ao dinheiro; tira-se da vida a morte. Por algo o Filho do Homem amaldiçoa o dinheiro!

O capital que nós havemos de possuir dentro dos nossos organismos, tem uma verdadeira função social. É escriturado e atribuído a cada um dos nossos trabalhadores, que o podem levantar, quando vier a sua hora. Não seremos já mais condicionados nem limitados pelo dinheiro. Os futuros dirigentes da Obra não-de sentir, como eu sinto agora, as cólicas mai-las aflições da pobreza, e bater à porta dos Homens Bons, um nadinha à esquerda, que a encontra aberta e o senhor em casa. E uma vez dentro das portas, tem liberdade de expor, autoridade de pedir, certeza de obter. A verdade anda à tona e faz estremecer.

Revolução pacífica

Não há força maior no mundo do que a revolução das almas; nem mais benévola. As quatro pequeninas cartas que ora damos à estampa, são documento.

Junto envio 20\$00 para fazer a fineza de inscrever como assinante de «O Gaiato», uma filhinha que tenho com três anos e meio.

E' favor mandar desde o primeiro número porque quero coleccionar até que ela aprenda a lêr, pois que o meu capricho é que seja «O Gaiato» o primeiro jornal que ela há-de lêr.

Envio também 1 cautela para a lotaria de Santo António, para ver se Deus converte em muitos, os poucos escudos que gastei a comprá-la com as minhas poucas forças.

Queria dar muito para essa casa, mas a minha vida de pobre não me deixa dar aquilo que eu teria gosto de dar.

Padre Américo:

Tenho um filho médico que anda a montar consultório dentario na Rua de Sá da Bandeira, e quando o tiver pronto pode V... mandar lá os seus Gaiatos tratar a boca.

Junto envio nozes e aletria para festejar os anos dos seus «Gaiatos» que peçam a Deus por um filho que tenho gravemente enfermo.

Meu Reverendo:

Tenho um filho de 7 anos que é quem me tem feito conhecer a «Casa do Gaiato» através do seu jornal, que não deixa de comprar sempre, e de tudo quanto ouve a respeito dessa casa.

Todos os dias me pede alguma coisa para os rapazinhos como ele lhes chama.

Aí vai o que eu pude arranjar-lhes na minha casa comercial e também das minhas coisas particulares.

Perdoe-me, meu Padre, e peça a Deus por quem tão pouco merece d'Ele.

Senhor Padre Américo:

O paisinho deu um dinheiro para nós comprarmos fogo para o S. Joam mas como o Padre Américo precisa de dinheiro pra dar de comer aos seus meninos. Eu e os meus irmãos repartimos o dinheiro com os seus pobresinhos.

Porto de 1944.

Maria Teresa e irmãos.



Esta é a pasta de que nenhum gosta, e maneira séria de castigar

REVELAÇÕES DE UM GAIATO

Eu Tiro-liro, fugi de casa para ir para a rua.

A minha madrasta disse-me que se eu não levasse pão, que me batia. Eu fugia-lhe para a rua, para ela não me bater. Num dia à noite encontro o «Chegadinho» nessa noite chovia muito, eu e ele dormimos debaixo dos

portais.

Eu ia pedir pão às casas, dizendo:

—Minha senhora dê-me um bocadinho de pão e um tostão. Elas davam-me de comer.

Um dia cheguei a uma casa chamada Manjójó, e essa casa é que me dava mais. Dormi uma vez nessa casa.

Eu disse ao «Chegadinho» se queria vir para a praia, eu e ele dizíamos, minha senhora dê-me um tostão, que é para a ajuda do pãozinho. De tarde dormia de barriga ao Sol, como se fosse um cão, e de noite dormia debaixo dum barco. Eu ia para a bixa da broa comprar um molete.

A D. Violeta era professora ela dava era caldo e broa e conduto. Ela é que arranjou para eu ir para Paço de Sousa. No dia seguinte chegava eu Paço de Sousa, mal entrei começaram os rapazes a dizer, E' pá tu és o Ti o-líro! E eu disse sou sim pois. Depois entrei para o refeitório e fui logo comer duas tijelas de sôp um pedaço de broa.

Eu sou agora porteiro e quem tiver a honra de visitar a Casa do Gaiato, cá me encontrarão.

O Tiro-líro, está gente a bater ao portão. E logo me verão. Visto bibe calças e o que trago por debaixo.

Sou porteiro e tenho honra de ser,

Todos os que tiverem bom coração, vem cá ver as Casas do Gaiato, e cá me encontrarão.

O Tiro-líro chama-se João. Não sabe quando nem onde nasceu, nem eu tenho meios de descobrir. Era muito doente, pelo que foi retirado de todos os serviços e pôsto a porteiro, por ser o mais leve que nós cá temos. Agora, é mais bem parecido e tem melhor côr. Cumpre a sua obrigação com muita diligência. Não temos coxias do Tiro-líro, quem dera que ele jamais as tenha de nós!

NOTÍCIAS

minha senhora, faça hoje batatas. E a senhora «faz» batatas. É a voz mais harmoniosa que se ouve nas nossas casas, éste tom familiar de cada um pedir.

O pequenino X é um dos muitos desconhecidos que aparecem às nossas portas, a pulsar. Não sabe quem é, mas depressa descobrimos que se tratava de um rato de despensa. Costumava levantar-se de noite, depois de examinar que todos dormiam, e ia aos armários da cozinha, lamber. Com o nosso sistema de nada fechar às vistas dos catraios, o tal X era sempre bem sucedido. Prometeu emendar-se e na verdade assim tem sido, mas «a carne é fraca» e ele cala na tentação:

Tinhamos um cartuxo de pevides de abobora num armário. Quando o hortelão ia mesmo direitinho a elas para semear, deu com o sitio...

—Que é das pevides? Quem foi que mexeu nas pevides? Eu quero aqui já as pevides.

Pois teve de arranjar por outro lado. O pequenino sucumbira mais uma vez!

Na Casa de Miranda nos nossos princípios, houve terrível luta por causa das sementes.

Quanto mais acauteladas, pior. Resolveu-se colocá-las às escancaras com a notícia de que estavam contadas, por escrito; olha que eu bem sei quantas pevides ali estão! Para grandes males grandes remédios.

Nós abrigamos gatunos de várias marcas e dimensões. Quizeramos vê-los todos à nossa conta, mas alguns deles, os melhores, tem a gente que os mandam embora por causa da rabo; assim aconteceu ao Paudal da Rinha. Dupla desgraça!

Um de entre eles, abriu novo capítulo na história da Casa do Gaiato do Porto. Resolveu sair um domingo até casa de uma família das cercanias, com recado de que o Padre Américo o mandara, e ali manobrou. Depressa se descobriu o furto.

O ladrão é chamado a contas, terrivelmente. Não é ainda um réu, mas para que o não seja, senta-se no logar deles, em acto pleno de comunidade. All se desfia a miada. A humilhação caustica. E' absolutamente impossível que se percam tôdas as palavras de um julgamento desta natureza. O pequenino há-de necessariamente ferir-se, a menos que seja um perverso. A justiça tem por fundamento o Amor. O pequenino gatuno, apesar de ter roubado e até mesmo por isso, sentindo-se amado encontra facilmente o polo da vida, e se não for por este caminho, não há mais nenhum que o leve à honestidade. Ele entrou nas esquadras do Porto 27 vezes e conta doze anos de vida; que vida!

ANDAMOS agora todos ocupados com a safara da batata; já desenterramos dezenas de arrobas e temos muitas mais a desenterrar. Há muito tempo que as não comiamos; os pedidos fervem de todos os lados:—oh

Mais nas ruas de Coimbra 50\$00. Mais 100\$00 na Automotora. Mais uma pancadaria de coisas no Depósito, a designar no próximo GAIATO.

Mais depositado no Banco, de um anonimo, 20\$00. Mais 50\$00 idem, dos Empregados da Vacuum.

Mais no Depósito um cartuxo de nozes e um outro do mesmo artigo e um de amendoas de categoria.

Já temos muitos prémios assegurados e frequentes ocasiões de os distribuir, graças à boa índole destes filhos de ninguém. Mais um pacote de massa fina. Mais do peditório na igreja do Carvalhido à Missa das 11,30, onde todos dissei am que sim: um pacote de peugas 3.375\$00, e uma cama de ferro.

Mais uma peça de pano para lençóis e duas duzias de sabonetes e três ditas de caixinas de lapiseiras. Nada tem dado tanta fâsca cá em casa, como esta duzia delas, das mais garridas côres e isto é justamente a paixão.

Só demos aos «doutores», que as trazem ao peito, delirantes! Mais em Braga 20\$00 e na mesma terra 100\$00. Mais no Banco, de

DIVERSAS

DEMOS hoje os derradeiros retoques à nossa sala de leitura. Os carpinteiros têm já a ferramenta completa, guardada por inventário, e fizeram as obras, a um canto dos antigos corredores do convento. A chave da porta, foi entregue ao José Eduardo, que fica com a pasta de bibliotecário. Os mais pequenos, gostariam de lhes chamar pelo nome que o rapaz agora tem, mas não atinam; trocam as letras. Gostariamos de leitara adequada. Manda conforme o teu gosto, directamente ao Bibliotecário da Casa do Gaiato. Os que se interessam, têm suas horas de leitura.

TENHO andado à procura mas não encontrei ainda a palavra capaz de agradecer a formidável oferta das escovas de dentes mal-las pastas. Não se podia chegar ao preço das escovas, que o pão não consentia, mas agora, temos tudo. Os nossos Rapazes valem mais cem por cento; trazem agora fiadas de pôris brancas, onde antes, cavernas de toda a casta de imundície. O nosso povo, em regra, não gosta de lavar os dentes; tenho pena aos Dentistas, por causa das horas de nauseas!

Senhor Desconhecido; venha por aí abaixo fazer rir os nossos gaiatos, para melhor apreciar a sua oferta!

NÓS damos um coisito de vinho das merendas. E' o Amadru quem vai à adega, com uma grande infusa de Barcelos;—eh pá, que ele até fumeja! Depois do mastigar, anda a caneca de roda. Dizem que o vinho vem da cepa torta e que a uns faz perder o tino e outros errar a porta. Aquil, nem uma coisa nem outra. Faz «bigodes»!

OH Chico, que matas o passarinho! —Foi o Rui que m'o emprestou. Não é possível; a tentação dos passarinhos vence a fraqueza da nossa tropa miúda.

Surpreendemos hoje no refectório, o seguinte diálogo; eram os dois refeiteiros a colocar as flores do dia, dentro dos vasos do estilo:

—Muito gosto eu de pôr flores nas mesas!

—E' verdade; fica a nossa casa mais alegre!

Como poderiam eles ver flores, se traziam os olhos sujos do panorama das ruas!

E como apreciá-las, se naquele tempo o pão era tudo!

Do que nós necessitamos

um anónimo, em sufrágio da alma do P. Carlos Ferreira do Marco, quatro mil escudos. Mais o peditório na Capela das Almas, 3.190\$00 e uma pulseira de ouro.

Estou resolvido a não tornar a vender joias, até conseguir ouro suficiente para o calice da nossa capela. No dito peditório da Capela das Almas, o muito nosso conhecido «Zé Ninguém» lançou na saca das esmolas 3 livros de boa leitura e dentro uma placa de 10\$00. O Julio conhece o Zé Ninguém, de o vê e falar no Pôrto, mas não sabe quem éle é.

—Vi hoje o Zé Ninguém.

—Mas quem é ele?

—Não sei; éle só me diz que é o Zé Ninguém; faz perguntas e caminha. Pois, senhor Zé Ninguém, diga alguma coisa á gente!

Mais uma saca de nozes e uma gaiola de galinhas da Casa de Valbom. Mas não é a de Paço-

CICLO DE PEDITORIOS

Terminou na Capela das Almas, à Rua de Santa Catarina, o clamor que começara em Novembro passado, na igreja de Cedofeita. «O Gaiato» agradece fervorosamente ao Venerando Prelado do Pôrto que me deu licença de pedir e aos Revs. Párcos e Capelães das Igrejas, que me deram a palavra no supedâneo dos seus altares, e aos fiéis, que ouviram o recado com devoção.

Igreja de Cedofeita, à estação de 3 Missas	9.500\$
Igreja da Trindade à estação de 4 Missas	6.200\$
Igreja dos Congregados, à estação de 3 Missas	12.000\$
Igreja de Santo Ildefonso à estação de 1 Missa	2.050\$
Igreja da Foz à estação de 2 Missas	5.500\$
Igreja dos Clérigos à estação de 2 Missas	5.000\$
Igreja da Lapa à estação de 1 Missa	1.680\$
Igreja do Carmo à estação de 3 Missas	4.500\$
Igreja St.º Sacramento à estação de 3 Missas	8.000\$
Igreja S.ª da Conceição à estação de 2 Missas	8.000\$
Igreja do Bonfim à estação de 2 Missas	4.750\$
Igreja de Carvalhido à estação de 1 Missa	3.375\$
Igreja das Almas St.ª Catarina à estação de 1 Missa	3.110\$

Não me parece bonito pedir somente nas igrejas, onde a gente que lá vai anda já tão causticada. Desejaria pedir aos que as não frequentam. Vem aí o tempo das Praias. Os Casinos morrem por coisas novas. Nenhuma novidade mais interessante do que a da creança Perdida. Peço hoje neste lugar, para que os amigos que dão cartas em qualquer dos Casinos da Figueira, Espinho e Póvoa e nestes três, me arranjam um pequenino quarto de hora, onde eu suba e diga.

O exito total destas obras, depende justamente do mendigar. Há uma grande força na mão que se estende a pedir e outra ainda maior na do Pobre, a receber. Esta música não é para todos; o mundo profano diz que são obras de carolice e caminha, a vegetar. Eu quero pedir; quero sofrer a humilhação do pedir.

Obras de amor, fazem-se por amor. Conta-se que o Governo da America oferecera ao P.º Damiano o titulo de superintendente dos leprosos de Molokai e o ordenou de dez mil dólares por mês.

Ele respondeu humilmente que nem por cem mil ficava no meio dos leprosos; e ficou por amor, até ser e morrer leproso! Não há ninguém no mundo que por dinheiro trate humanamente as obras humanas,—ninguém.

Maldito seja o dinheiro!

—de-Sousa; é de Sinfães. A gente não faz milagres ao pé da porta, nem houve jámais profeta de jeito na sua própria terra!

Mais do Porto um envelope com «muitos parabens por tam grandiosa obra» e uma nota de cem.

Ha um senhor no Pôrto que oferece de almoçar a um dos gaiatos de «O Gaiato», no domingo da venda. Aceito e agradeço mas peço lugar para dois. Ficam ainda quatro à espera, que de boa mente mandaria a duas familias, se assim quizessem.

Eles iriam às 13 horas e 30 minutos. Bastaria para isso, que me avisassem com alguma antecedência a indicar o número da porta e nome da rua. Não se lhes deve servir mais coisa nenhuma, além de um prato de sopa e um segundão de algo mais. Será uma aproximação íntima, com distância reservada. O pequenino das ruas a comer do que lhe é dado, onde lhe é dado, dentro da casa de senhores. Torna-se assim em revolução total. Não facilites muito o interior da casa... Eles andam agora em uma escola, sim; mas antes andavam noutra... Apita, que eles vão lá comer.

Pagar

Da Rapaz... dizer, é mais exacto... eu sou aprum... Est... A des... trazem... de vir

Um an... além da... Ferreira... quem Bro... Vilela L... Pinto de... Pinto do... Oliveira i... 24\$ 0; Jo... António... Oliveira... Henriques... Guimarães... Cruz de R... Portela... Gonçalves... José de C... Gonçalves... Oliveira... Aragão id... idem, 50\$... Virgílio... o Pôrto!... P.º José... Brandão, 5... 50\$00; Jo... Vasco Alv... Rodrigues... Alves de... Almeida... Coelho Jú... Coelho id... idem, 30\$... António M... Oliveira... todos da m... Aídeia d... O nome j... muitas car... e a Paço... Penafiel e... o pessoal... para Paç... mesma:—E... peito a... Hermínio... Joaquim... Arnaldo R... Amália P... Joaquim... Maria He... Maria Te... Maria de... Maria da... queiro e... angariou... visita às... Luísa e... vossas re... vos posso... muito cru... de Santar... de Mogad... Figueira... Rossio do... nieta Lop... Esta senho... Maria de... assinante... ler, este... Lisboa, 3... baça, 30\$... 30\$00; Lit... António M... Eng. Luí... menino M... Capitão A... Maria Luí... Maria Sob... Delgado... lembrar d... distâncias... Manteigas... Amorim... Conceição... 50\$00; D... Rio-Tinto... 20\$00; D... Maçã, 10... Urró, 30\$... Lamego, ... Silva de V... Tenent... tro, de Se... Marítimo... Vigogo, d... valho de A... nel H P... Rocha e M... Borges da

Pagamento de assinaturas

Ora ligue outra vez:

Daqui fala o Sérgio da *Aldeia dos Rapazes*. Eu sou o mais velho, quero dizer, sou o que mando, porque o Adolino é mais velho do que eu. Também não é exacto dizer *sou eu* o que manda, porque eu sou o que sirvo e tudo caminha na apurmada.

Está lá? Continuamos no superlativo. A desobriga tem sido atestada; alguns trazem arrependimento e pedem desculpa de vir tão tarde!

Um amigo de Famalicão deu 300\$00 além da assinatura de 250\$00: Renato Ferreira dos Santos do Pôrto 50\$00; Joaquim Lopes Pereira idem 20\$00; Carlos Vilela Branco idem 20\$00; Abílio Augusto Pinto de Cete 20\$00; Dr. Francisco Correia Pinto do Pôrto 50\$00; Aníbal Alves de Oliveira idem 20\$00; Dr. O. Bastos da Foz 24\$00; Joaquim Carvalho do Pôrto 25\$00; António M. Pereira idem 20\$00; Maria Oliveira de Vasconcelos idem 20\$00; Júlio Henriques Pereira idem 30\$00; Eugénio Guimarães idem 30\$00; P.º António Lopes Cruz de Ferragudo 50\$00; Manuel Farihu Portela de Vila-de-Rei, 25\$00; Vicente Gonçalves Pereira do Pôrto, 25\$00; Germano José de Castro idem 25\$00; José Perfeito Gonçalves Pereira idem, 25\$00; Porfirio Oliveira idem, 50\$00; António Pinheiro Aragão idem, 25\$00; José de Sousa Ribeiro idem, 50\$00; António de Almeida idem, 25\$00; Virgílio Oliveira Mengo idem, 150\$00. Viva o Pôrto! Raúl M. Coelho de Cete 31\$00; P.º José Martins Alves de Paços de Brandão, 50\$00; Silva Alves Carvalho idem, 50\$00; Joaquim Dias Coelho idem, 40\$00; Vasco Alves Carvalho idem, 30\$00; Joaquim Rodrigues da Costa idem, 30\$00; Agostinho Alves de Carvalho idem, 20\$00; Joaquim Almeida Carvalho idem, 50\$00; António Coelho Júnior idem, 50\$00; Capitão Pinto Coelho idem, 30\$00; Dr. José Alves Dias idem, 30\$00; Ramiro Pais idem 20\$00; António Matos Cabral idem, 20\$00; José de Oliveira Pais idem, 50\$00; e Carlos Pais todos da mesma terra, 30\$00. Os Gaiatos da *Aldeia* dão palmas a Paços de Brandão. O nome já nos é conhecido. Vêm cá ter muitas cartas dirigidas a Paços de Brandão e a Paços de Ferreira e ao Pôrto e a Penafiel e a Cete. O que vale à gente é que o pessoal do correio é esperto e emenda para Paço-de-Sousa e eu faço aqui na mesma: — Paço-de-Sousa no que disser respeito a correspondência e Cete, a vales. Herminio da Silva Caiano da Foz 30\$00; Joaquim de Sousa de Lisboa, 10\$00; P.º Arnaldo Rebêlo de Ermeziado, 50\$00; Ana Amália Pinto Miranda do Marco, 25\$00; Joaquim Cávado Parahão de Nisa, 12\$00; Maria Helena Mouta de Lisboa, 14\$00; Maria Teresa Sá Nogueira idem 12\$50; Maria de Fátima Casquero idem 12\$00; Maria da Silva idem, 12\$00; Catarina Casquero e mais onze assinantes que nos angariou a Maria Luísa, depois de uma visita às Casas do Gaiato. Obrigado, Maria Luísa e Elvira. Sejam muito felizes nas vossas realizações sociais em Lisboa. Não vos posso mandar o Zé Maria; está ainda muito cru. Eugénio Mascarenhas Lemos de Santarém, 25\$00; Adolfo Santos Bartolo de Mogadouro 100\$00; João Silva Bagão da Figueira 25\$00; Joana Soares Mendes do Rossio do Sul-do-Tejo, 30\$00; Maria Antonieta Lopes Aleixo de Cabeções, 50\$00; Esta senhora é que sabe ler! Padre Amadeu Maria de Sousa de Guifões, 2\$00; um assinante do Pôrto 24\$00. Também sabe ler, este senhor Judite Magalhães de Lisboa, 30\$00; Sabino B. Neves de Alco-baça, 30\$00; P.º José Baptista da Sertã, 30\$00; Libânia Oliveira Santos da Foz, 20\$00; António Moreira de Paço-de-Sousa, 20\$00; Eng. Luís Vaz Pinto do Pôrto, 20\$00; menino Manuel Branco de Lisboa, 10\$00; Capitão António Sampaio de Lisboa, 2\$00; Maria Luísa Faria da Costa idem, 50\$00; Maria Sobral Cid de Lamego, 4\$00; Berta Delgado do Luso 1\$00 Bem haja por se lembrar de mim, não obstante ausências e distâncias. P.º José Ballão Pinheiro de Manteigas, 20\$00; Dr. Diogo Pacheco de Amorim de Coimbra, 10\$00; Maria da Conceição Palido Vasques de Barranco, 50\$00; Domingos Gonçalves de Sá de Rio-Tinto, 100\$00; Dr. M. Rangel do Pôrto, 20\$00; Dr. Aurélio Mendes Guimarães de Maçã, 100\$00; Francisco Pinto Loureiro Urró, 30\$00; P.º José Pinto Carneiro de Lamego, 50\$00; Joaquim Gonçalves da Silva de Vilar de Barró, 20\$00. Tenente de Marinha José Alves de Castro, de Seia, 50\$00 Chefe do Departamento Marítimo do Norte, da Foz, 50\$00; Luís Vigeço, do Pôrto, 25\$00; Maria José Carvalho de Almeida de Fontelos, 25\$00. Coronel H. Pestana, do Pôrto, 50\$00; D. Inês Rocha e Melo, da Granja 25\$00; Agostinho Borges da Cunha, do Pôrto, 150\$00; Elvira

CARTA DE LISBOA

Já agora, «Gaiato» amigo, deixa me falar-te do «nosso» António, aquele ardina que deixou a venda de jornais, para passar a ser o criado e vigilante da «Casa do Ardina».

Tem apenas 17 anos, e tem crescido a valer nos últimos meses, tanto em tamanho, como em juízo, graças a Deus!

Gosta de brincar e rir, como os outros, mas tem consciência das suas responsabilidades e trabalha como poucos.

É leal, incapaz de mentir, acusa-se quando anda mal...

É honesto, incapaz de tocar seja no que for, poupando e economizando ao máximo...

Tem amor à «Casa», à disciplina dela, ao seu bom-nome...

Há dias chegou-nos das compras escandalizadíssimo:

«Então não querem lá ver o droguita!... Pedi-lhe abatimento para a «Casa» na cêra e na água-ráz e ele queria passar-me o recibo sem o... abatimento... Se calhar, julgava que era para mim!... Convencera o droguista e a nós da sua honestidade a toda a prova, graças a Deus!

De outra vez recomendamos-lhe para acompanhar umas visitantes à porta. Mal tivera tempo de descer a escada, apareceram-nos ofegante, feliz: «Olhe o que me deram para a «Casa»: 200\$00, que bom!»... — «Oh António, deixaste as visitas saírem sózinhas, vai depressa à porta e pede desculpa», dissemos-lhe aflitas com a sencermonia dele e a... nossa...

Chega à janela com um ar muito calmo e serenar-nos com a sua simplicidade:

«Não é preciso, as senhoras já vão lá em baixo no fim da calçada. Não repararam...»

E... não repararam... É amigo dos rapazes, compreende a missão da «Casa» e aí daquele que se atreve a dizer mal do que ele sabe ser bom!

Não querem lá ver os malandros «que da «casa» e da senhora!...» se atrevem a dizer mal.—E fica capaz de os comer, por mais que lhe digamos, para fazer como nós:

Não ligar nenhuma, pois os que dizem mal hoje, são os que dirão bem dela amanhã, assim esperamos.

A economia vai até ao exagero. Os rapazes veem-se queixar, e nós temos que mandar pôr mais açúcar no bananco, mais marmelada no pão...

«Assim dura menos», explica-nos, prudentemente...

Tem um fraco: as plantas e os animais!...

A's plantas póda-as continuamente, para as tornar mais bonitas no futuro, obrigando-nos a tê-las muito feias no presente...

Dos animais, nem falamos... Está tentando transformar a nossa «Casa» numa espécie de Jardim Zoológico em miniatura...

O actual «sucesso» é um borrego que ele entusiasma os rapazes da «Casa» a comprarem com as suas economias, para o comerem todos num almoço, na «Colónia de Férias», que esperamos ter.

Consentimos, com a condição de que ficaria no pátio e nunca o veríamos nas salas.

Sossejou-nos dizendo que não havia perigo, pois o borrego não sabia subir

as escadas.

Era a nossa... sorte!! Passa-se tempo. Estávamos a trabalhar na nossa secretária, ouviamos o barulho dumas patinhas e um significativo «mêé»!...

Zangamo-nos, e o António explica-nos num ar «babado»:

«Apreendeu a subir as escadas e anda atrás de mim para todo o lado»...

Valeu-nos uma pequena palissada que pozemos na porta do pátio para nos defendermos daquelas «invasões», tanto mais que descobrimos que o borrego não gosta de estar sózinho»...

A amizade pelo borrego é tal hoje em dia, que já ninguém pode falar em matá-lo, nem mesmo quando for velhinho e inválido...

Um cágado «por causa das baratas», um gato «por causa dos ratos», uma cadelinha «para guardar a Casa» e agora um borrego «para... não o comerem nunca!...»

Parece-nos um pouco de animação a mais na «Casa do Ardina», mas deixamos porque são estas pequeninas coisas que prendem e entusiasma o António e os outros rapazes!!

Não julgues no entanto que ele não pensa nas coisas sérias da vida.

Sabe pensar e quer preparar-se para elas, como se tivesse mais anos de idade!...

Na última «Feira do Livro» não sei se sabes que as Noelistas tinham lá uma barraca, e era o António, secundado por um outro dos ardinas da «Casa», que as ajudava na vigilância e guarda da Barraca.

Como tudo o que das Noelistas, eles sentem deles também, referiam-se à Barraca Noelista, dizendo encantados: «E' a nossa!!!...»

Pois o António não contente em ajudar, resolveu também armar em comprador...

E lá estava todas as noites no seu posto com a fidelidade de quem sabe cumprir o seu dever e compreender as suas responsabilidades...

Se nos quiseres conhecer: à «Casa do Ardina», ao António e à...

MARIA LUÍSA

é só «subires» ou «descer» até ao n.º 39 da Calçada da Glória (à Avenida da Liberdade!)

PARABENS

No próximo Julho, fazem anos: Rui de Abrantes, no dia 17, 10 anos.

Mário Marinho do Porto, no dia 9, 15 anos.

Este pequeno é das «Ilhas». Não queria trabalhar. Queixava-se de dores no corpo e nas mãos...

Tomou remédios caseiros e hoje no campo, sabe falar aos bois como nenhum!

—António de Celorico de Basto faz 14 anos no dia 18 de Julho.

—Amadeu de Elvas faz 13 anos no mesmo dia.

Outros dos nossos farão anos neste mês, quem sabe?

São creanças *achadas* nos caminhos, que mais tarde temos de registar.

UM PEDIDO

A modos que estou com vergonha de o fazer, porque ele é também para mim. E' mesmo muito para mim, embora os Rapazes aproveitem. E' um Rádio.

Não para ouvir notícias, que por muito desenhonradas, não podem ser acreditadas. Nada mais caricato, do que observar hoje os grandes do mundo a puxar a braza à sua sardinha, como qualquer triste mortal. Não são as notícias; é a música.

Gosto loucamente de Música. Os meus Mestres do Seminário de Coimbra, deram-me uma «gata» a cantochão mas não me tiraram o ouvido nem o gosto.

Batuques, não. Costumam os Rádios ter certas estações muito dadas àquelas festas mas a gente muda a cravelha e vai para outras.

Seiscolar de passarinhos. Murmurio de águas correntes. Hino da milícia celeste.—Musica!

Sim; um Rádio: Mas, como não sou armazenista, muito convém perguntar se já tenho, antes de mandar. Não suceda como sucedeu com máquinhas de costura, que pedi uma e deram-me cinco. Ou candieiros de suspensão, que pedi um e recebi oito. Ou ainda pianos; pedi um, humildemente, e temos dois! Não quero armazenar.

A pobreza também ajuda a pobreza

O Julio foi um dos vendedores do último número de «O Gaiato» no Pôrto. Calhou pedir na zona de Santa Catarina, onde eu me ocupava a fazer o mesmo, dentro da Capela das Almas. Eis como ele tira o retrato ao episódio que narra:

Foi esta comovida cena, que se passou, junto à porta da Igreja das Almas, mesmo na altura que o Sr. Padre Américo tinha acabado de falar, ao povo fiel e amigo da «Casa do Gaiato». A saída daquela missa, uma mulher, comovida e com lágrimas a saírem-lhe dos olhos, aproximou-se de mim, e disse-me: toma lá 2\$50, para a ajuda das vossas casas, estive a ver se podia meter na sacola do Sr. Padre Américo, mas não chegou ao pé de mim, por isso dou-o a ti, que tanto me faz, e diz lá ao Sr. Padre, que não posso dar mais porque sou uma mulher, que ganho pouco e sou muito pobre. Esta quantia de dinheiro, dada por aquela mulherzita, vale uma fortuna, só por ser uma mulher que não tem meios, e que o ganha com o suor do seu rosto. Estas lições estão-se constantemente a dar, porque essas pessoas comovem-se de ouvir falar, da vida dos RAPAZES DA RUA, que agora são rapazes da sociedade. Por isso reparem como essas cenas são de imitar, uma pobre dar aos pobres.

O Julio é muito observador e narra com entusiasmo. Quando regressam da venda e procuram falar todos à uma, é sempre o Julio que leva a camisola amarela.

—Quando entram nas igrejas, não compram. Mas à saída, todos querem. Vêm tocados e arrependidos—diz ele!

ESTE NÚMERO DE
«O GAIATO»
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Do que se diz e do que se faz na : Casa do Gaiato de Coimbra :

Uma escola e quatro mestres

UM GENERAL. Tem um exército às suas ordens. No seu gabinete de trabalho, entram e saem oficiais com ordens de serviço.

Em missão de paz, entro também por breves instantes: o tempo suficiente para dar o meu recado e ouvir o elogio da Caridade.

—«Bem hajam pelo bem que fazem. Nós andávamos um pouco afastados desta doutrina. Com vossos escritos educais-nos na maneira de olhar pelos infelizes.»

UM MÉDICO. Visitava, não há muito, a Casa do Gaiato, um distinto médico, apaixonado pelas obras sociais, tido e havido como *acatólico*.

Ao entrar na sala onde um quadro do Coração de Jesus se destaca como Rei do Lar, a quem a Casa foi consagrada, manifestou assim a sua primeira impressão: *isto cheira a padre*.

Percorreu todas as dependências, inquiriu números, rendimento social, tomou notas. Comeu da sopa que o Luiz lhe fez (não cheira a *bispo*) e do pão que o Freitas amassou, e do vinho que o Avelino lhe serviu, etc.

A despedida dá-nos, nestes termos, a sua última impressão:

—Que pena que o Estado não estabeleça por esse Portugal além, umas dúzias de quintas como esta...

—Mesmo que cheirem a Padre, Snr. Doutor?

UM JURISTA. Veio trazer alguns mimos da sua lavra e assistir à *novena* em que o Gaiato pontifica.—Que tal Snr. Doutor?

—Oh! admirável! A alma enche-se, quando assisto às festas destas crianças.

UM CAPITALISTA. A camionete desliza velozmente em direcção ao Porto. Aí por alturas de Albergaria, uma série de construções modernas despertou-me a curiosidade e perguntei a um desconhecido que ia a meu lado:

—Sabe dizer-me a que se destinam estas obras que aqui se estão a erguer?

—São uns prédios que andam a construir sem destino. Pertencem a um senhor que não sabe o que hade fazer ao dinheiro!

A caminheta seguia e aquela primeira pergunta abriu uma conversa amena que veio a ter por assunto principal, a «Obra da Rua».

Entretanto a campanha toca, o veículo pára. E já com o pé no estribo, o desconhecido declara:

—«Hoje vivo bem. Mas se um dia a roda da fortuna desandar, sei que meus filhos não andarão por aí a mendigar. Na Casa do Gaiato encontrarão abrigo.»

O carro continuou a sua marcha e eu quedei-me a meditar: Se os Poderosos pensassem todos como este, ai que em vez de surgirem muitas casas sem destino, muitas se levantariam para crianças sem destino e possivelmente para os seus filhos...

A Escola onde estes Mestres vieram aprender é, afinal, a Casa do Gaiato; o compêndio—«O Gaiato»; Mestres—os Gaiatos; Luz que ilumina: o Evangelho.

Primeiro: Caridade

Já lá vão uns meses que meia dúzia de gaiatos, de cestas às costas, se dispersaram pelos casebres pobres das povoações vizinhas, a distribuir do pouco de pão que havia em casa.

Esta dedicação altruísta teve o condão de encantar toda a gente. Os pobres que apertavam o pão ao peito, com um *Deus te abençoe, meu menino*; e os remediados que os viam passar com um *louvado seja Deus, por tão grande caridade*.

Pois bem, a ideia estava lançada, o que faltava era metodizar esta distribuição. Não encontramos melhor forma de o fazer, que enquadrarmos no espírito e organização das conferências de S. Vicente de Paulo.

Coisa admirável: os gaiatos receberam e compreenderam o pensamento de Ozanam duma maneira surpreendente; vivem-no; dão-lhe vida própria, em que fica vincada a sua personalidade infantil e turbulenta. Bastaria assistir a uma destas conferências para nos certificarmos de como eles se apaixonaram pelo que há de elevado nesta realização.

Escolheram eles mesmos a mesa, foram inquirir a necessidade de cada um dos seus pobres, discutem e apresentam as provações por que estão passando, contam o que viram e o que mais os impressionou.

A lista dos pobres cresceria indefinidamente, se não lhe puséssemos travão. Queriam aliviá-los a todos. Mas como? Dar o que é dos outros é muito fácil; era preciso dar alguma coisa de si mesmo. Os tostõesitos amialhados vão cair na caixa dos pobres e no saquito do tesoureiro. Não era o suficiente. Ei-los que vão de novo pelas portas, sob um calor sufocante de trovoadas, desta vez a pedir. E tem geito! Muitos deles nunca fizeram outra coisa... Aqui são bem acolhidos, ali afastados—*vocês andam bem vestidos, não precisam*.

—Não é para nós, é para os pobres.

—Pobres somos nós.

Mas esta incompreensão de poucos, faz despertar a compaixão de muitos. Da Vila de Miranda e doutros lugares, vêm muitas pessoas a pedir que as inscrevam como subscritoras da Conferência.

Reuniram uma centena de escudos, de muitos óbolos de viúva, e, agora, é o cêguinho com o presidente que vão ao mercado comprar qualquer coisa que sirva na casa dos pobres.

A primeira acta da Conferência, publicada noutro lugar, redigida exclusivamente pelo João—que vai agora fazer o exame de 3.^a classe, e que foi um temível vadio da Capital,—dá-nos apenas uma pálda ideia do que podem fazer os incompreendidos filhos da Rua.

Quinze anos

Fêz quinze anos na passada terça-feira o nosso cozinheiro. Subiu de categoria: passou a ser homem. Vai começar a ganhar o seu ordenado como já o ganham o Freitas

e o António, dos Olivais. É um prémio e é um estímulo.

Nenhum dos dirigentes desta casa, recebe mais do que Deus promete aos que dão um copo de água em seu Nome; mas os gaiatos cujo trabalho compensa as despesas que com eles fazemos, esses, se não tem família a socorrer, vão amialhando na Caderneta os primeiros tostões que hão-de prevenir a sua entrada na vida.

Parabéns, Luis!

A maior alegria que podes dar-nos, é seres um Homem, no verdadeiro sentido da palavra.

Colónia de Férias em MIRANDA DO CORVO

A Senhora Piedade Paula, do lugar onde temos a Casa do Gaiato, oferece a sua própria habitação para ali instalarmos o serviço das colónias.

Isto obriga os habitantes de Coimbra! Deles esperamos tudo o mais. Já temos 5 litros de azeite de alguém de Coimbra que veio pessoalmente à Rua da Trindade entregar a vazilha. Temos mais a oferta de 300\$00 de um Adriano, entregue no Carlos de Sá, à Sofia.

Também vamos usar a quete que se fez em um almoço dos Empregados de *A Tranquilidade*, na cidade de Coimbra, a qual subiu a perto de 400\$00. Deus seja com todos, que se lembram de nós! Na primeira semana de Julho há-de dormir em cama lavada, quem está afeito a dormir no chão.

Revelações do Zé Maria da COVILHÃ

O que eu passei antes de vir para a "Casa do Gaiato"

Eu antes de vir para a Casa do «Gaiato», passei muitos tormentos enormes.

Era um grande moicante, e um vadio. Andava sempre corrido dos policas. Eu não tinha educação nenhuma. Nas ruas da Covilhã toda a gente me conhecia, como eu era um vadio um moicante e muito mau. Eu fui prêso uma vez e ia sendo duas, o policia levava-me pela mão e quando me estava a aproximar da cadeia puxei a mão e fugi para longe e já nunca mais apraci na cidade porque andavam os poucos de policas à procura de mim e quando um meu companheiro os viu avisou-me logo. Quando apraci na cidade foi daí a dois dias.

Uma vez roubei uma carteira com dinheiro, mas essa vez escapei. Não tinha ninguém, só tinha uma Madrinha mas já era velhinha tinha 67 anos.

Eu quando vim para a «Casa do Gaiato» vinha habituado a maldades ao segundo dia escangalhei um ninho com passarinhos. Eu sou da Covilhã. Chamo-me José Maria Baltazar.

A minha obrigação é tratar da roupa. E eu sou da conferência de S. Vicente de Paulo: Sou o Presidente.

E não digo mais nada. Se fôsse a coniar tudo parecia que nunca mais se acabava.

Sim, Zé Maria. Eu sei que se tu fosses a contar tudo, não cabia a tua história num Gaiato de papel. Espero que tu comeces nova história nas Casas do Gaiato, escrita com a tua vida de trabalho e de aplicação como até hoje tens feito. Essa é a melhor mercê que me podes fazer, meu filho!

Primeira acta das conferências de S. VICENTE DE PAULO

A página mais soberanamente educativa da história das Casas do Gaiato, está precisamente nisto de visitar o Pobre, a creança que foi dos caminhos e que saboriou a vida deles; — *para a gente se lembrar de que também veio da miséria* como eles declaram na própria acta, obra inteiramente do seu engenho e das suas mãos. Estes são os farraços que o mundo deixa cair! Os da comunidade de Paço-de-Sousa, sentem e praticam da mesma sorte.

O *dia dos Pobres* é um dia de 25 horas. Os pedidos fervem a ver qual há-de ir, e as resoluções firmam-se, a ver quem mais merece ser o visitador.

No dia quatro de Junho de mil novecentos e quarenta e quatro inaugurou-se a conferência de S. Vicente de Paulo na Casa do Gaiato. Assistiu o Snr. Padre Adriano aonde nos deu algumas explicações. A conferência na nossa casa foi dado o nome da Imaculada Conceição sendo o menino José Maria que escolheu por ser a imagem dela que está no cimo das escadas. Leu-se a seguir um capítulo da Obra da Rua do snr. Padre Américo e procedeu-se à eleição da mesa. Entraram para a nossa conferência o menino José Maria que é o presidente o menino Carlos que é o tesoureiro o menino João que é o secretário e os meninos Bernardino, Adriano, José Pires, António Fernando. Combinou-se aos pobres que se havia de dar: Abraão que vive numa casita muito pobre com seis filhos; José Pires, o velhinho que estava deitado na majadora, e outra velhinha cega que estava à janela a gritar que lhe dessem um bocado de pão, a viúva do Antero que só tem uma mesita velha e a casa a cair qualquer dia já não tem porta, o Anibal que tem seis filhos e vive numa barraca.

Para podermos distribuir as esmolas arranjamos uma caixa na capela e asseitamos mais alguma coisa que alguém queira dar. Fomos pelas portas arranjar uma lista de subscritores.

Os subscritores dos Bujos são: Piedade Paulo, Joaquim Rodrigues, Silvestre Antunes, José Maria Fernandes, João Simões, Boaventura Constante Mamede, António Mateus das Neves, António Antunes, Abel de Carvalho, João António, Mabilia de Jesus, José Maria Rodrigues, Amélia da Conceição, Maria do Carmo, José Augusto, Pedro Costa. Do Carpinhal e Ribeira são: Guilhermina Váloa, André Fernandes, António Simões, José Luiz Lopes, Joaquim Luiz Rosa, Laura Lopes Simões, Maria Adelina, Luiz Campos. Das Miãs são: Julia Antunes, Maria da Piedade Agostinho e na vila uma senhora. No Carapinhal e Ribeira arranjamos subscritores que que nos dão 44\$00. No Corvo arranjamos subscritores que nos dão também 3\$00 tudo isto para os pobres. A gente não faz isto por vaidade é só por amor de Deus que é para a gente se lembrar de que também veio da miséria e por isso devemos de socorrer aqueles que andam nela. No fim da reunião o tesoureiro fez as contas e já havia mais 32\$75 na saca.

José Maria Baltazar
João Carlos da Silva Freitas
Carlos Veloso da Rocha

Letra deles. Trabalho deles. Entusiasmo deles.